

Para além de um Mestre... Um grande Amigo!

Fábio Guedes Gomes¹

Resumo

O texto a seguir não tem a pretensão de realizar uma discussão técnico-científica aos moldes tradicionais admitidos em revista dessa natureza e importância. Ele apenas narra a experiência da construção de uma parceria acadêmica e de amizade, que surgiu no início da década de 2000, quando o autor se aproximou da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, com o objetivo de se candidatar ao doutoramento. Tendo como moldura esse aspecto, o texto evidencia como nesses espaços acadêmicos as relações profissionais não são limites suficientes para que o ambiente da produção científica, envolvendo pessoas, alcance resultados tão satisfatórios. É muito provável que a pandemia da covid-19 tenha modificado isso completa e profundamente. Não temos elementos para confirmar tal hipótese. Mas, como o texto foi desenvolvido, não é muito difícil encontrar pessoas que se identifiquem com a construção de relações interpessoais que extrapolam aquelas circunscritas aos interesses acadêmicos e científicos; que são fundamentais para a formação e perspectivas de futuro dos nossos jovens.

Palavras-chave: Salvador; administração política; Escola de Administração; UFBA; Reginaldo Souza Santos

I

O ano 2001. Dia 6 de agosto. Entrava pela primeira vez para lecionar no curso de Relações Internacionais da então Faculdade Jorge Amado. Hoje, Centro Universitário Unijorge.

Havia terminado, em 1999, o Mestrado em Economia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *Campus* II, como era conhecida a atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Sob a orientação do professor José Bezerra de Araújo, desenvolvi uma análise da história e da dinâmica econômica da integração regional, tomando como estudo de caso a experiência do Mercosul.

¹ Professor de Economia da Universidade Federal de Alagoas. Diretor Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – Fapeal. Gostaria de agradecer as atenciosas leituras, opiniões e sugestões ao texto feitas pelos amigos e amigas, professores e professoras, que também conheceram o Professor Reginaldo Souza Santos. São eles e elas: Cícero Péricles (UFAL), Romilson Cabral (UFRPE), Geraldo Medeiros (UEPB), Cid Olival (UFAL), Rômulo Sales (UFAL), Thiago Chagas (IFBA), Elisabeth Matos (UFBA), Mônica Matos (UNEB) e Adller Chaves (UNEB). Agradecimento muito especial à minha filha Myllena Diniz, que fez a primeira e atenta leitura do original. Não é demais salientar que essas pessoas não têm qualquer responsabilidade nas imprecisões e incorreções do trabalho. E-mail: fbgg30@yahoo.com.br

Meu interesse sobre esse tema ocorreu quando, em certo momento, lendo uma das principais revistas de grande circulação do país, me chamou a atenção uma declaração da então representante de comércio exterior dos EUA, Charlene Barchefsky, afirmando que o Mercosul “pode ser visto como uma unidadezinha ou sistema de regras e obrigações próprias montados no vácuo da liderança dos EUA na região” (ISTO É, 1997, p. 60). Esse era o clima à época, envolvendo a pressão dos EUA para criação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA).

Por meio do professor José Bezerra, conheci muitos outros pesquisadores e professores que produziam no campo da Economia Heterodoxa. Muitos deles tínhamos familiaridade pela própria produção acadêmica e científica, já bastante conhecida no país. Manuseávamos no curso de graduação textos e livros de Wilson Cano, Luiz Gonzaga Belluzzo, José Carlos Braga, Maria da Conceição Tavares, Reinaldo Gonçalves, Carlos Lessa, Celso Furtado etc.

Ao chegar à coordenação do Programa de Mestrado em Economia do Centro de Humanidades da UFPB, *Campus II*, o professor Bezerra teve a oportunidade de estreitar laços com outros centros de pesquisa e ensino. Isso permitiu um importante intercâmbio que era propiciado pela realização de seminários, bancas de defesa de trabalhos e eventos. Coincidiu que, entre 1999 e 2001, eu estava como professor substituto no curso de graduação em Economia da Instituição e participava, ativamente, dessas atividades.

Da Bahia, o professor Bezerra trouxe para colaborar conosco três professores que guardavam fortes laços de amizade com ele, desde o tempo que eram contemporâneos no curso de doutorado, no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Então, aportaram em Campina Grande: George Gurgel, Nelson de Oliveira e Reginaldo Souza Santos. O primeiro foi responsável por ministrar um curso de curta duração sobre Política e Gestão Ambiental. Os outros dois vieram para participar de bancas de defesa de dissertação e ministrar duas palestras. Tive contato com todos eles.

Encontrei, pela primeira vez, os professores Nelson e Reginaldo, na sala de reunião da coordenação do Mestrado em Economia. A conversa foi muito curta, mas esses dois seriam fundamentais em minha vida, como veremos um pouco mais à frente.

II

Expirado o contrato de professor substituto na UFPB, no segundo semestre do ano 2000, fiquei sem muitas opções. Naquele momento, o país enfrentava uma dura realidade econômica, pois o modelo neoliberal que veio na esteira do Plano Real empurrava a sociedade brasileira para um nível de desemprego muito elevado e uma crise macroeconômica com requintes de crueldade, pois os desequilíbrios cambiais e o retorno da inflação reduziam fortemente o poder de compra dos brasileiros.

Para agravar a situação, a administração pública brasileira sentiu os impactos das políticas neoliberais e os servidores ficaram os dois mandatos do Presidente Fernando Henrique Cardoso sem aumentos salariais, e a estrutura estatal se deteriorou por falta de investimentos. A universidade pública brasileira foi uma das instituições mais afetadas pelo conjunto da obra neoliberal. Inclusive, a perspectiva de concursos públicos era inexistente. Nesse contexto, não havia outra saída senão distribuir versões do currículo para alguns amigos e amigas de fora da Paraíba.

Em uma viagem de férias no início de 2001, para Salvador, quando tive a oportunidade de pisar pela primeira vez na terra de Nosso Senhor do Bomfim, reencontrei alguns conterrâneos paraibanos que já estavam inseridos no mercado de trabalho educacional soteropolitano². Ao tomarem conhecimento da minha situação, “caíram em campo”, solidariamente, fazendo chegar meu currículo em algumas instituições privadas de ensino superior, que, naquele momento, viviam um *boom* de expansão, no contexto da “privatização branca” da educação nesse nível de qualificação.

² Moravam e trabalhavam em Salvador os amigos conterrâneos José Augusto Oliveira, o grande Guga, e Trícia Souto. Os dois da área de Computação, já experientes na cidade, tinham circulado por várias instituições privadas de ensino superior. Por meio deles, conheci Simone Branco, também paraibana, e uma das gestoras da Faculdade Rui Barbosa.

Não se passou muito tempo e, logo, recebi convites para trabalhar em duas faculdades: União Metropolitana de Educação e Cultura (Unime) e Faculdade Jorge Amado. Seria o início de um périplo por essas Instituições, durante os próximos oito anos que ficaria na Bahia³.

Entusiasmado com os convites, comuniquei em casa, para tristeza de minha mãe e meu querido irmão, que iria mudar, completamente, de destino. Dias depois, peguei o carro emprestado de minha mãe, coloquei uma mala de roupas dentro, um computador e umas duas caixas de livros e cópias de textos. Não poderia adivinhar, nunca, que, numa dessas caixas, se encontrava a oportunidade de minha vida.

Chegando a Salvador, em um final de tarde ensolarado, fui direto para o *flat* Ana Régis, situado ao pé da Ladeira da Cruz da Redenção, fronteira do bairro de Brotas com a avenida Juracy Magalhães. Nesse prédio, ficaria acomodado por quase dois anos, morando praticamente de graça, pois o professor Bezerra, seu proprietário e grande amigo, me cobrou apenas as despesas de consumo e condomínio. Coisa de pai para filho. A ele, sou eternamente grato.

Na Unime, lecionava cursos básicos de Economia para estudantes de Administração. Na Faculdade Jorge Amado, a experiência era de outro nível. Exigia de mim muito mais dedicação e tempo de estudo, porque as disciplinas que ministrava eram empolgantes: Economia Política Internacional e Sistema Monetário Internacional. Elas me ajudavam a não perder de vista a perspectiva de ingressar em um doutorado. Os estudantes eram de bom nível de cultura geral, pois a maioria já entrava no curso com consciência do que queria e, invariavelmente, falava mais de uma língua estrangeira.

III

Por influência do professor Bezerra, havia cultivado a ideia de me submeter ao processo seletivo para o Doutorado no Instituto de Economia da Unicamp. O propósito era ingressar na linha de pesquisa de Desenvolvimento Econômico. Já tinha bastante

³ Foram fundamentais para minha definitiva ida para a Bahia os convites e conversas com Leonel Leal Neto, coordenador do curso de Relações Internacionais da Faculdade Jorge Amado, e Denise Ribeiro, coordenadora dos cursos de Administração da Unime.

familiaridade com o amplo corpo teórico de Celso Furtado e boa parte da tradição histórico-estruturalista. Certa feita, em um evento promovido pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), no Rio de Janeiro, em 1999, conheci o professor Wilson Cano, na companhia do professor José Bezerra, seu ex-aluno na Unicamp.

Entre algumas rodadas de chopes, em um dos botecos da Av. Atlântica, em Copacabana, expus um pouco minha proposta de pesquisa. Depois, marcamos uma ida minha a Campinas, para uma conversa mais detalhada e conhecer a estrutura do Instituto. Fui à Unicamp meses depois. O professor Cano tinha uma agenda em São Paulo e encaminhou minha conversa para o professor Plínio de Arruda Sampaio Júnior. Creio que, a partir do que expus no Rio de Janeiro, ele considerou que minha proposta estava muito mais alinhada com o campo de trabalho desse último, porque tratava de uma recuperação do pensamento furtadiano para interpretar o subdesenvolvimento da economia paraibana. Também não encontrei o professor Plínio, mas ele leu minha proposta de trabalho e, gentilmente, me devolveu, por *e-mail*, um documento com valiosas sugestões que, até hoje, conservo numa versão em papel.

Minha estada em Campinas não foi uma experiência muito agradável. Toda a região sofria de um período de seca intenso, que ameaçou a cidade de desabastecimento de água. Além disso, fazia um frio intenso e a umidade do ar era muito baixa. Essa minha passagem pelo interior de São Paulo me fez, definitivamente, optar por continuar em Salvador, quando a pressão por fazer o doutorado já era forte.

IV

Antes de partir para Salvador e encerrar minhas atividades na UFPB, o professor Bezerra me passou uma cópia de um texto e pediu que fizesse uma leitura crítica. Esse pedido se transformou em compromisso. Talvez tenha sido isso que me fez o colocar em uma das únicas duas caixas de materiais de trabalho que carreguei comigo para morar na capital baiana.

Em um certo dia, acordei com a consciência pesada e precisava dar um retorno ao professor Bezerra sobre as minhas impressões do trabalho que tinha me recomendado.

Fui numa das caixas e saquei “A economia política contemporânea e o pouco que sabemos”, de Reginaldo Souza Santos, texto publicado em 1998, pelo Centro de Estudos de Economia Europeia e Internacional, do Instituto de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, fruto de seu estágio de pós-doutoramento nesta instituição.

Esse texto me marcou, profundamente, na primeira leitura. Ele foi ao encontro a algumas reflexões que andava fazendo sobre o papel do Estado na economia capitalista. Logo de início, Reginaldo sacode minha curiosidade: “[...] o Estado é o único capitalista, dentro do capitalismo, a possuir as condições de definir e orientar os níveis do produto, pois atua com relativa autonomia sobre os níveis de oferta e demanda agregadas” (Santos, 1998, p. 2). Mais à frente, ele reforça esse posicionamento, argumentando o caráter intrínseco do papel do Estado na economia capitalista:

O nosso ponto de vista é que, até aqui, a explicação sobre o Estado no capitalismo – independente da base teórica e ideológica da argumentação – sempre tende a tomá-lo ou a concebê-lo como algo externo ao processo, às vezes como uma variável ou como um instrumento (objeto). Achamos todas essas noções equivocadas porque o concebemos como o sujeito – regente de todo o processo, pois é ele que tem a capacidade (única) *de regular e* a maior capacidade individual de comandar capitais (Souza, 1998, p. 7)⁴.

Esses argumentos centrais estavam na direção de uma ideia que tinha formulado para sustentar uma proposta de doutoramento no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Até tinha submetido o projeto no processo seletivo, mas sem sucesso na sua avaliação. Mas, quando me defrontei com as ideias do professor Reginaldo, o sonho do doutorado reacendeu muito rapidamente.

Minha primeira reação, após ter sido sacudido por aquele texto, foi pegar o telefone e fazer uma ligação para o professor Bezerra. Comentei que tinha gostado muito

⁴ Como moldura geral, o que a badalada economista italiana, professora da Universidade de Sussex, no Reino Unido, Mariana Mazzucato, apresentou como sendo uma novidade em seu *best-seller O Estado Empreendedor: desmascarando o mito do setor público vs. setor privado* (2014), o professor Reginaldo já apontava em 1998. Claro, que a Mazzucato pegará o caso específico da participação do Estado estadunidense nos investimentos e na condução da evolução do sistema de produção do conhecimento, inovação e desenvolvimento tecnológico do país. Trata-se, portanto, de uma análise empírica de uma concepção e compreensão do papel do Estado na economia capitalista mais desenvolvida dos séculos XX e XXI.

do trabalho, relatei o quadro de entusiasmo que tinha me tomado e perguntei se ele conhecia o autor. A resposta foi ainda melhor: “É de um amigo irmão, que fez doutorado comigo no Instituto de Economia da Unicamp, professor da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. Se quiser, posso falar com ele para que vocês se encontrem”. Havia, caro leitor, alguma dúvida de que não desejaria isso?

V

Dia e hora marcados, coloquei numa bolsa minha dissertação de mestrado e aquele projeto reprovado no IFCH. Contava com o primeiro como cartão de visitas e o segundo como um atestado de alinhamento de nossas perspectivas de enxergar o problema de pesquisa pelo mesmo prisma. Pisei, pela primeira vez, na Escola de Administração e fui ao encontro do professor Reginaldo, percorrendo aquele corredor do terceiro andar, entrando na porta à esquerda, ao fundo. Já estava diante da sua sala, a primeira à direita, quando se entrava no Núcleo de Instituições e Políticas Públicas. Coração na mão, bati na porta e fui autorizado a entrar naquela sala pequena, onde cabia um birô de leitura e trabalho, uma mesa de computador e duas estantes abarrotadas de livros. Sentado e sorridente, o professor Reginaldo me recepcionou como se me conhecesse há décadas, com aquela simpatia que lhe era peculiar e acolhimento, características de sua personalidade, reconhecidas por todos os estudantes que foram seus alunos e orientandos.

O ano era 2002. Tudo muito intenso. Foi plantada a semente de uma relação de trabalho e amizade que nos marcaria pelos próximos dois decênios, até sua prematura morte, em outubro de 2022.

Em nosso primeiro encontro, o professor Reginaldo escutou atentamente meus argumentos e “passou os olhos” tanto no trabalho de conclusão do mestrado, quanto naquele projeto de doutorado. Após uma longa conversa, ele sugeriu que, também, fosse ao encontro do professor Nelson Oliveira, seu vizinho de sala. E lá fui eu, seguindo aquelas primeiras orientações.

A reunião com o professor Nelson foi outro momento marcante. Deparar com aquela pessoa de corpo franzino e personalidade tímida à sua frente, não revela de maneira alguma que você estaria diante de um intelectual diferenciado, com uma sólida formação em Economia Política e arguta capacidade de interpretar os fenômenos sociais. Também, aquela pequenina sala, com visão para o Vale do Canela, se tornaria, no futuro, um espaço “sagrado” para o meu amadurecimento intelectual.

Nessas duas “entrevistas”, passei pela prova de fogo: o reconhecimento do meu forte interesse na pós-graduação da Escola de Administração e o potencial de contribuir com aquele ambiente. O professor Reginaldo me fez uma proposta. Naquele segundo semestre, ele iria ministrar sua disciplina de Finanças Públicas e me convidou para que participasse como aluno especial. Convite aceito de bate pronto. Desci extasiado as escadas dos três andares da Escola, praticamente flutuando.

VI

Fazer a disciplina de Finanças Públicas com o professor Reginaldo sedimentou minha convicção de que estava correto em minhas escolhas. Quem teve a oportunidade de fazê-la, reconhece a capacidade dele no domínio da Teoria Econômica na interpretação dos fenômenos do capitalismo contemporâneo. Sua originalidade na discussão do papel das finanças públicas no modo de produção vigente tomava por base, claro, seu trabalho de doutoramento *A História das Ideias sobre o Estado e as Finanças Públicas no Capitalismo* (1991), depois publicado em livro, de forma mais sintética, sob o título *A teoria das finanças públicas no contexto do capitalismo: uma discussão com os filósofos economistas: de Smith a Keynes* (2001).

Na disciplina, o tema da administração política, tão caro às suas preocupações nos últimos anos que antecedem sua partida, já dominava, também, o debate em sala de aula, pois, em 1993, ele já tinha publicado, em parceria com a professora Elizabeth Matos, o seminal artigo “A administração política brasileira”, na *Revista de Administração Pública* da FGV do Rio de Janeiro.

Tratava-se de maneira genuína de conceber um novo campo do conhecimento na área de Administração, tão conservadora e meramente técnica, que compreendesse o papel da gestão das relações sociais e da produção na dinâmica do processo de desenvolvimento do capitalismo. Nesse sentido, o papel do Estado é central na condução dessas relações pelas prerrogativas que reúne e sua capacidade de determinar variáveis que nenhum outro agente dentro do sistema é capaz.

O professor Reginaldo, para, então, evidenciar essa tese na disciplina, percorria um longo caminho histórico, tomando como ponto de partida a Grande Depressão de 1930, demonstrando, com muitas evidências, a capacidade de intervenção do Estado e seus resultados para que o capitalismo pudesse se “safar” de sua própria natureza de produzir crises. Concluí a disciplina com a nota máxima e tirei meu “passaporte” para o ingresso no doutorado do Núcleo de Pós-Graduação da Escola de Administração da UFBA (NPGA/UFBA).

Fui, então, para o processo seletivo, no último trimestre de 2002. A banca de seleção era formada pelos professores Amilcar Baiardi, Rogério Quintella e Reginaldo Souza Santos. Lembro-me, muito bem, do momento da arguição sobre meu projeto de trabalho. De linha mais conservadora e ortodoxa, o professor Quintella foi o que mais provocou a discussão, sempre na linha diametralmente contrária aos argumentos e problematização que constavam no projeto.

Se a banca fosse formada apenas com o viés ideológico e teórico dele, o NPGA não teria admitido um grupo de estudantes que marcou época no curso, até hoje referência entre os que fazem a Escola de Administração. Inclusive, alguns incorporados, anos depois, ao seu quadro de professores e pesquisadores e em várias universidades espelhadas pelo país.

O professor Reginaldo não somente bancou o ingresso de muita gente boa, mas também defendeu a entrada do maior número de estudantes na pós-graduação que se

tem notícia. E ele estava certo. Todos e todas concluíram seus doutoramentos e, atualmente, contribuem com esse país em várias linhas de trabalho⁵.

VII

Minha entrada no doutorado, na turma de 2003, deu início a uma parceria com o professor Reginaldo, que só veio a ser interrompida em outubro de 2022, pelo menos, no plano físico. Além de ter sido meu orientador, trabalhamos juntos em todos os projetos de pesquisa que foram criados, desde então⁶. Escrevemos inúmeros artigos juntos e fomos responsáveis por colocar de pé uma ideia que nasceu na sala em que ocupava, quando foi diretor da Escola de Administração: a criação da *Revista Brasileira de Administração Política* (Rebap), uma ideia que logo foi abraçada pelo saudoso Flávio Aderaldo, da Editora Hucitec, e Mariana Nada, sua coordenadora editorial, duas pessoas muito especiais. Inclusive, o nome da revista foi uma sugestão minha. Produzimos a maioria das apresentações dos números da Rebap. Produzimos o livro *Outro modo de interpretar o Brasil: ensaios de Administração Política* (2017), que reúne um conjunto de ensaios publicados, antecipadamente, no site Carta Maior. Aliás, o professor Reginaldo era um exímio ensaísta, gostava dessa modalidade de exprimir as ideias, com o pensar livre das amarras teóricas. Nunca foi “escravo de citações”.

Ele escreveu o prefácio do meu terceiro livro, *Ensaios sobre o subdesenvolvimento e a economia política contemporânea* (2014). Nesse texto, ele destaca um dos pilares que sempre o perseguiu, ao enxergar a necessidade de reconhecer no Estado o seu papel sublime de garantir a extensão do bem-estar a todos: “No atual estágio do capitalismo, a política estatal voltada para a produção de bens e serviços públicos de consumo coletivo é a única forma possível de garantir a toda a sociedade um nível mínimo de bem-estar material” (Santos, 2014, p. 15). Nesse ponto, ele nunca esteve distante de Celso Furtado, mesmo

⁵ Dessa maravilhosa turma fez parte Romilson Cabral, Antônio Ricardo, Janice Janissek, Sandro Cabral, Gildásio Santana, Cristina Argiles, Antônio Renildo, Celina Maria, Alexandre Nicolini, Cleides Marques (Kéo), Priscila Kreitlon, Vânia Medianeira, Mônica Gueiros e Ênio Resende.

⁶ Defendi a tese de doutorado no final de julho de 2007, sob o título *Acumulação de Capital via Dívida Pública: contribuição para uma crítica à razão da crise fiscal*. Participaram da banca de avaliação, além do professor Reginaldo, os professores Nelson Oliveira, José Bezerra Araújo, Fernando Pedrão e Paulo Balanco.

que não se referisse ao economista paraibano com muita frequência. Para os dois, somente o padrão de renda e riqueza poderiam diferenciar os estratos sociais em suas escolhas no mercado consumidor. No entanto, toda a base da sociedade teria o direito de acessar bens públicos essenciais a vida, como saúde, educação, cultura e lazer, da melhor qualidade possível, garantidos pelo Estado.

Foram várias as bancas de mestrado e doutorado que participamos juntos. Testemunhei como seu pensamento e suas obras se faziam presentes em cada trabalho; era discutido, criticado, elogiado, ou seja, o intelectual Reginaldo foi e, certamente, continuará uma referência teórica.

Em particular, a banca que mais me marcou ter participado com o professor Reginaldo, como orientador, foi a do nosso saudoso amigo José Murilo Philligret de Oliveira Baptista, que defendeu, em 2016, o trabalho *O mito do planejamento na Bahia: padrão de intervenção governamental no campo social (2000-2014)*, no NPGA/UFBA. O professor Murilo foi uma pessoa marcante na minha chegada a Salvador. Um dos primeiros a me acolher e cuidar, como uma espécie de tutor nos primeiros anos de um “batoré” numa cidade grande. Compomos uma dupla dinâmica, crítica, que aglutinava muitos estudantes no curso de Relações Internacionais da Unijorge. Murião (como chamávamos) nos deixou em 2018, precocemente. Dediquei a ele meu livro *Veredas do tempo: ensaios analíticos de economia e administração política* (2020).

A criação do Prêmio Monográfico em Administração Política, em 2009, carregando o nome do imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) e Prêmio Camões, o maior da literatura em língua portuguesa, João Ubaldo Ribeiro, foi uma jogada de mestre de professor Reginaldo⁷.

João Ubaldo foi professor na Escola de Administração da UFBA, na década de 1960, lecionando, especificamente, a disciplina de Ciência Política. Em 1969, ele publicou o texto *Política e Administração*. Para o professor Reginaldo, esse texto consegue, pela primeira vez, na Escola de Administração, fazer germinar um conteúdo mais abrangente

⁷ O escritor baiano, autor de livros clássicos e fundamentais como *Viva o Povo Brasileiro* (1984), recebeu o prêmio em 2008.

dentro desse campo do conhecimento, que desamarrasse o Prometeu que vivia aprisionado numa “caixa de ferramentas”, excessivamente técnica e manualesca na forma de ensinar e interpretar os fenômenos sociais, econômicos e políticos, além de não ir muito longe na compreensão da complexidade desses fenômenos e suas dinâmicas⁸. Em 2009, a premiação contou com a marcante presença do João Ubaldo Ribeiro, na Escola de Administração.

Em 2010, na cidade de Garanhuns, localizada no Agreste pernambucano, foi realizado um seminário para discutir a importância e o papel da administração política na interpretação e reflexão sobre os desafios da sociedade brasileira e seus principais problemas. O evento foi destinado aos pesquisadores que estavam engajados ou tinham com que contribuir com esse campo investigativo. A presença de professores de vários centros de ensino e pesquisa do país demonstrou a relevância do evento e o interesse na discussão. Mas nada, nada mesmo, seria possível sem a liderança acadêmica do professor Reginaldo. Desse encontro, saiu de sua lavra o *Manifesto da Administração Política para o Desenvolvimento do Brasil* (2010), depois publicado pela *Revista Brasileira de Administração Política*.

Depois de Garanhuns, resolvemos levar o Encontro da Administração Política para o Desenvolvimento do Brasil para outras cidades. Tínhamos uma premissa básica: acontecer em cidades do interior, levar oportunidade de discussão para públicos de fora do eixo dos grandes centros e capitais. E, assim, o trem da administração política percorreu Juazeiro do Norte, Ceará (2011), Campina Grande, Paraíba (2012), Vitória da Conquista, Bahia (2013), Arapiraca, Alagoas (2014), Niterói, Rio de Janeiro (2015), Juiz de Fora (2016), Minas Gerais, e Ilhéus, Bahia (2017). No “trem”, uma plêiade de pesquisadores, estudantes e gestores que se somava ao público local⁹. A liderança do

⁸ Esse trabalho foi republicado novamente na revista *Organização & Sociedade*, no volume 13, número 37, em 2006).

⁹ Essa imagem do trem da administração política, percorrendo o interior do país, foi construída em um texto de abertura do evento em Campina Grande, pelo professor Geraldo Medeiros, da Universidade Estadual da Paraíba (Uepb). Em 2017, o professor Reginaldo participou de sua banca de Doutorado no Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, quando Medeiros defendeu a tese *Economia Política e Administração Política da Saúde: análise das dinâmicas do capital e do estado na gestão do SUS no Brasil e em Campina Grande* (PB).

professor Reginaldo era a locomotiva desse movimento, um dos mais agitados e inovadores da área de Administração do país.

Assim como reconhecemos o papel do João Ubaldo Ribeiro nas origens da discussão nuclear da administração política, na minha opinião, o professor Reginaldo Souza Santos desenvolveu um arcabouço teórico e construiu, liderando várias cabeças, um campo de conhecimento dos mais criativos da área de Administração do país. Pelo conjunto da importância de seus trabalhos, a disseminação de seu pensamento e ideias e o que representou na vida de estudantes e pesquisadores Brasil afora, creio ser mais que legítimo que Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (Anpad) criasse um Prêmio Reginaldo Souza Santos para estudos e trabalhos críticos nessa área de discussão.

VIII

Reginaldo e eu aniversariamos no mesmo dia, 10 de outubro. Ele, nascido no ano da derrota da seleção brasileira para o esquadron uruguaio, em 1950. Nasci um ano após a conquista do tricampeonato mundial, em 1971. Uma diferença de 21 anos de idade. Quando o conheci, efetivamente, em 2002, ele tinha alcançado a mesma idade que possuo neste momento em que escrevo essas linhas. Torcia pelo Clube de Regatas Flamengo, enquanto sou fervoroso torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama. Interessante que era raro discutirmos sobre futebol. Dois rivais que sabiam os limites da gozação alheia.

Além de ter sido meu orientador e professor, Reginaldo se tornou um amigo. Profissionalmente, nos relacionamos em quase a totalidade das atividades que foram desenvolvidas dentro da Escola de Administração, até minha transferência para Alagoas. Reginaldo era um homem que sabia cultivar a boa mesa e aproveitava o ambiente dos botecos para solidificar as amizades¹⁰.

Reginaldo me apresentou o Mercado das Sete Portas, no bairro de Nazaré, onde costumava fazer as compras de casa. Geralmente, no final de tarde de sexta-feira, íamos

¹⁰ Note, leitor e leitora, que a partir dessa parte abri mão da palavra substantiva *professor*, pois já não cabia mais depois de tantos anos de convivência e amizade.

tomar cervejas no mercado, enquanto uma espécie de “ajudante de ordens” que já o conhecia percorria as bancas recolhendo os produtos selecionados para o “Professor Reginaldo”. Não foram poucas as vezes que passamos o tempo suficiente para que aquele ajudante de ordens, que se tratava de um jovem adolescente por quem Reginaldo tinha muito carinho, percorresse umas quatro vezes o mesmo trajeto das compras.

Viajamos muito pelo país, participando de seminários, congressos e trabalhando em projetos. Reginaldo tinha pelo Rio de Janeiro um apreço muito especial. Fez seu mestrado na Fundação Getúlio Vargas (FGV) na capital fluminense, defendendo, em 1982, a dissertação *Planejamento e investimentos públicos no setor agropecuário baiano*, sob a orientação do professor Cláudio Roberto Contador. Ele dava preferência a ficar hospedado no Hotel Ouro Verde, situado no Posto 2, na Av. Atlântica, no bairro de Copacabana. Esse hotel foi construído para atender à demanda de turistas da Copa de 1950. Sua estrutura arquitetônica é tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional. Hoje, se chama Hotel Atlântico Praia e está completamente reformado. Reginaldo adorava esse lugar e ficamos várias vezes nele, quando íamos a trabalho ao Rio.

Conheci a tradicional Confeitaria Colombo pelas suas mãos. Ir ao restaurante Manuel & Joaquim, em Copacabana, saborear o bacalhau, era obrigação. Tomar uns chopes em alguns dos botecos do Largo do Machado, outra opção certa.

Mas, das muitas viagens que fizemos, a que me vem sempre à memória é ter conhecido o seu lugar de origem: a cidade de Ubaitaba, às margens do imponente Rio de Contas, terra da canoagem. Fomos várias vezes à cidade, para desenvolver um plano de desenvolvimento para o município. A gestão era do prefeito Asclepiades Almeida Queiroz, popularmente conhecido como Bêda (2001-2004)¹¹. Chegamos a apresentar esse plano na Câmara dos Vereadores. Para mim, uma experiência incrível. Uma pessoa foi fundamental na construção da relação desse grupo de pesquisadores e a prefeitura municipal, um primo de Reginaldo, o Carlos Antônio de Souza Magno, mais conhecido na região como Pelé, tão flamenguista quanto. Ele perdeu a vida em um acidente automobilístico, anos depois. Estava ao lado de Reginaldo quando soube da notícia. Pela

¹¹ É o atual prefeito para o período 2021-2024.

primeira vez, testemunhei sua profunda tristeza. Reginaldo nunca foi um homem triste, muito pelo contrário.

O ponto alto em Ubaitaba, além de percorrer as margens do Rio de Contas e ver sua beleza, da casa de Zé Vermelho, um senhor muito popular na cidade e amigo de Reginaldo, eram os almoços na casa de D. Risolene, a Risô, irmã de Reginaldo. Na mesa aquela deliciosa galinha ao molho pardo (a popular galinha à cabidela), que nunca me saía da lembrança. Tinha que ter cerveja gelada para receber Reginaldo, que era uma espécie de herói para toda sua família, muito humilde. Casa sempre cheia de sobrinhos e sobrinhas dele. Sempre uma festa nossa chegada.

Não somente conheci, praticamente, toda a família de Reginaldo, como, também, ficamos muito próximos, especialmente da sua casa. Almocei, por diversas vezes, com minha família em seu apartamento, desfrutando da simpatia e receptividade de Nena, sua fiel escudeira e grande companheira, de todas as horas e para tudo. Inclusive, em um desses almoços, levei minha sogra, D. Francinete Diniz, e foi uma recepção daquelas, dirigida com muito zelo por Nena. Se existia um Reginaldo gigante na universidade, no meio intelectual e acadêmico, muito se deve à sua esposa, que o acompanhou no Rio de Janeiro para realização de seu mestrado; em Campinas, para seu doutoramento; e em Portugal, para seu pós-doutoramento. Não foram poucos os sacrifícios e renúncias na vida da Nena, com três filhos, Thiago, Carol e Fernanda, para acompanhar “Regi”, como, carinhosamente, ela o chamava, nesses projetos de vida.

Em muitos domingos, Janaína e eu, nos juntávamos à mesa de Reginaldo e Nena, na churrascaria Tourão, ou no restaurante de comida nordestina, Gibão de Couro, ambos no bairro da Pituba. No aniversário de 15 anos de minha filha, Myllena Diniz, lá estavam Reginaldo e Nena, a caráter, pois a festa era à fantasia. No nascimento de Mateus, Reginaldo e Nena foram ao Hospital Salvador, na Federação, nos visitar. Acompanhei de perto a trajetória de Thiago, o primogênito deles, até sua chegada como professor no Instituto Federal da Bahia (IFBA). Fomos ao casamento da Carol. Invariavelmente, quando nos falávamos por telefone, ele sempre me perguntava como estavam Janaína,

Myllena e Mateus. Minha mãe, D. Nina, o conheceu e nutria um carinho especial por ele. Também, quase sempre, ele perguntava por ela.

IX

Em 2008, já estava saturado de Salvador. A cidade era outra, completamente diferente daquela que tinha encontrado em 2001. A explosão imobiliária e o trânsito desenfreado fizeram decair a qualidade de vida urbana. Se deslocar em Salvador tinha virado um transtorno. O que era prazeroso contemplar seus casarios, o mar, as nuances dos vales por onde passam as principais artérias e suas mágicas ladeiras, tornou-se uma dor de cabeça. E, quando chovia, era um “Deus, nos acuda”, era preferível não sair de casa.

Prestei concurso para a Universidade Federal de Alagoas (Ufal), no primeiro semestre daquele ano. Fui selecionado e, no segundo semestre, convocado. Fui nomeado e empossado, no gabinete da reitora, professora Ana Dayse Dórea, no dia 23 de dezembro de 2008.

Em janeiro de 2009, já estava de “mala e cuia”, com toda a família, em Maceió. Reginaldo não ficou muito alegre com essa mudança rápida e drástica de destino, mas, em nenhum momento, se colocou contra. Muito pelo contrário, me apoiou, desde a realização do concurso até minha vinda e adaptação no estado de Alagoas. Foi o início de uma nova fase entre nós dois e de parcerias institucionais que permitiram que viesse ao estado muitas vezes, para participar de palestras, conferências e bancas de defesa de dissertação. Ele acabou estendendo parte de seu trabalho por aqui, como veremos.

X

No final de 2014, o governador eleito de Alagoas, Renan Filho, me fez o convite para assumir a gestão da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado (Fapeal). Além de minha família, as primeiras pessoas a serem informadas foram Reginaldo e José Bezerra. Na angústia de assumir, ou não, tamanha responsabilidade, os dois foram fundamentais

para me passar confiança e conforto de que estava à altura do desafio e cumpriria a missão.

Em uma de suas primeiras vindas a Maceió, promovemos um jantar em minha residência para recebê-lo. Estaria, também, presente um desses amigos que você ganha para a vida inteira, um dos responsáveis por ter vindo para a Ufal e me adaptado nessa Terra dos Marechais: o professor de minha unidade acadêmica e maior conhecedor da economia alagoana, Cícero Péricles de Carvalho. Foi uma das noites memoráveis que tivemos juntos, regada a muita cerveja, vinho e comes e bebes. Reginaldo não se aguentava de tanto rir das estórias de Cícero sobre sua relação com o Arcebispado em Alagoas. Crônicas dignas somente de mesa de bar, como dizia nosso amigo José Murilo Philligret Baptista. Reginaldo e Cícero tornaram-se amigos.

Em 2015, Reginaldo concorre a uma bolsa no edital do Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional (PDCTR), uma parceria entre a Fapeal e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Teve seu projeto selecionado e aprovado, entre 20 propostas escolhidas, de um total de 64 submissões. No ano seguinte, ele começaria a desenvolver o projeto na Ufal, no *Campus* de Arapiraca. Até 2020, Reginaldo se envolveria com o Agreste alagoano e os municípios no entorno de Arapiraca. Como de seu feitio, arregimentaria um grupo muito especial de estudantes que nutriram um enorme carinho por ele, a ponto de Reginaldo conhecer os familiares de alguns e visitar seus lares. O professor Renato Miranda, do curso de Administração Pública da Ufal, seria seu escudeiro na passagem pelo interior.

No lançamento daquele edital e vários outros, levei Reginaldo, junto a Cícero Péricles, para um encontro no Palácio dos Martírios, com o então governador de Alagoas, Renan Filho. Nesse momento, observei que Reginaldo estava em estado de graça, feliz pela conquista que alcançamos e onde chegamos. Ele, como ninguém, sabia vibrar e comemorar o sucesso de seus alunos, orientandos e amigos.

Em 2020, Reginaldo passou a integrar o corpo docente da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Feac), como professor visitante, tanto no curso de graduação quanto no Mestrado Profissional em Administração Pública

(Profiap). Cativou a todos e todas da Feac. Também, já estava colaborando com o Mestrado em Economia Aplicada da mesma Faculdade.

Parte do relatório produzido a partir de sua participação do PDCTR se tornou livro, com a marcante presença de todos os alunos envolvidos no projeto. *Políticas públicas e o perverso privilégio dos pobres* (2022) foi o último livro da lavra de Reginaldo que ele teve a oportunidade de ver em vida. Foi lançado junto a outras obras, em grande estilo, em evento promovido pelo Governo de Alagoas, no dia 23 de março de 2022, no Teatro Deodoro. Infelizmente, as condições de saúde de Reginaldo não permitiram sua presença.

XI

No dia 28 fevereiro de 2022, em pleno Carnaval, fomos eu, Janaína, Myllena e Mateus ao apartamento de Reginaldo, fazer uma visita. Tínhamos decidido passar a Festa de Momo na capital baiana. Chegamos pela metade da manhã e fomos recebidos por Reginaldo e Nena. Ficamos, pelo menos, uma hora. Conversamos de tudo. Eles ficaram surpresos com nossos filhos. Reginaldo estava muito animado com a perspectiva de recuperação e planejava várias atividades. Mesmo abatido pela doença, estava feliz. Eu estava feliz, também, por reencontrá-lo, após dois anos de uma pandemia que apartou amigos e familiares – muitos, definitivamente. Era a última vez que nos veríamos pessoalmente.

Em julho de 2022, fui para Campina Grande e visitei o amigo José Bezerra. Entre uma garrafa de vinho e outra, fizemos uma ligação de vídeo para Reginaldo. Tenho um registro fotográfico desse momento. Depois de tanto tempo, estávamos ali, nós três, juntos, batendo papo, felizes e contando as novidades de cada um. A tecnologia nos aproximou nesse momento. Seria, também, a última vez que reuniria os meus dois mestres e amigos.

Entre agosto e setembro daquele ano, Reginaldo iniciou um tratamento mais intensivo para combater o câncer, em São Paulo. Me enviava, quase diariamente, mensagens pelo WhatsApp, atualizando as notícias de seu quadro de saúde. Outros amigos também recebiam. Mandávamos mensagens, o encorajando e torcendo pelo seu

restabelecimento e retorno ao nosso convívio. No dia 10 de setembro, nos enviou uma mensagem muito entusiasmada, inclusive, tocando nos projetos que tinha que concluir: “Muita coisa virá à luz do dia. Sendo a primeira um livro-texto na categoria crônica e ensaio filosófico com o título sugestivo *Perdidos no Breu* [...] depois vem, ainda este ano, a *Ontologia da Administração Política*”. Cabe a nós, agora, produzir e tornar público esses dois textos, fazendo seu último sonho se tornar realidade.

No dia 9 de outubro, me antecipei e enviei uma mensagem de parabéns pelo seu aniversário, sabendo que, no dia seguinte, sua atenção seria muito concorrida. Ele me enviou dois áudios agradecendo, atualizando seu quadro de saúde, as consequências do tratamento. Me parabenizou também, falou que Nena também tinha mandado os parabéns e mandou um abraço para Janaína.

Dia 23 de outubro de 2022, um domingo, nosso Mestre e meu grande Amigo nos deixou.

XII

Reginaldo tinha um apreço especial pelo texto de John Maynard Keynes “As possibilidades econômicas para os nossos netos” (1984). Ele pensava exatamente como o lorde britânico, que, se bem administrado, o capitalismo poderia nos conduzir ao progresso econômico e social, e, com o uso das novas tecnologias, estaríamos libertos do árduo trabalho de ganhar o pão, diariamente, e dedicaríamos uma parcela maior do nosso valioso tempo de vida a contemplar as artes, culturas, viagens e se dedicar mais às famílias e aos nossos. Boa parte do pensamento de Reginaldo foi alimentada pela utopia de melhorar o mundo, melhor distribuir a riqueza e alcançar níveis elevados de bem-estar. Ele era muito sensível às condições daqueles que viviam na miséria e pobreza. Era por eles que pensava e produzia intelectualmente. Era, também, pelos nossos filhos e netos, especialmente os seus, que nutria, permanentemente, um estado de otimismo e solidariedade.

Referências

- GOMES, F. G. *Ensaaios sobre o subdesenvolvimento e a economia política contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- GOMES, F. G. *Veredas do tempo: ensaios analíticos de economia e administração política*. São Paulo: Hucitec; Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2020.
- KEYNES, J. M. As possibilidades econômicas para os nossos netos. In: SZMRECSÁNYI, T. (org.). *Keynes*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- MAZZUCATO, M. *O estado empreendedor: desmascarando o mito do setor público vs. setor privado*. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.
- QUEM pisca primeiro. *Revista Isto É*, São Paulo, p. 60, 1997.
- SANTOS, R. S. *A economia política contemporânea e o pouco que sabemos*. Lisboa: Centro de Estudos de Economia Europeia e Internacional, Instituto de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, 1998. (Documento de Trabalho, n. 2).
- SANTOS, R. S. Manifesto da administração política para o desenvolvimento do Brasil. *Revista Brasileira de Administração Política*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 11-40, 2010.
- SANTOS, R. S. (org.). *Políticas públicas e o perverso privilégio dos pobres*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos: Edufal, 2022.
- SANTOS, R. S. Prefácio. In: GOMES, F. G. *Ensaaios sobre o subdesenvolvimento e a economia política contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 11-16.
- SANTOS, R. S. *A teoria das finanças públicas no contexto do capitalismo: uma discussão com os filósofos economistas: de Smith a Keynes*. São Paulo: Mandacaru, 2001.
- SANTOS, R. S.; GOMES, F. G. *Outro modo de interpretar o Brasil: ensaios de Administração Política*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.
- SANTOS, R. S.; RIBEIRO, E. M. A administração política brasileira. *Revista de Administração Pública Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 102-135, out./dez. 1993.